

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Arthur Gabriel Pina de Castilho

**REFLEXÕES SOBRE CIBERCINEFILIA: ALGUNS ASPECTOS SOBRE A CENA DE
COMPARTILHAMENTO INFORMAL DE CINEMA ONLINE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Carlos Francisco Perez Reyna

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ARTHUR GABRIEL PINA DE CASTILHO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201973069A declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **REFLEXÕES SOBRE CIBERCINEFILIA: ALGUNS ASPECTOS SOBRE A CENA DE COMPARTILHAMENTO INFORMAL DE CINEMA ONLINE**, desenvolvido durante o período de agosto a dezembro de 2023 sob a orientação de **CARLOS FRANCISCO PEREZ REYNA**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

ARTHUR GABRIEL PINA DE CASTILHO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

REFLEXÕES SOBRE CIBERCINEFILIA: ALGUNS ASPECTOS SOBRE A CENA DE COMPARTILHAMENTO INFORMAL DE CINEMA ONLINE

Arthur Gabriel Pina de Castilho¹

RESUMO

Este projeto propõe-se a analisar através de revisão bibliográfica e análise de páginas de redes sociais e fóruns online o estado atual da cibercinefilia brasileira, procurando entender as práticas e os mecanismos utilizados pelos usuários para o compartilhamento de filmes dentro do espaço virtual. Entendendo o fato de que a mesma pode ocorrer em diversos espaços é feita a escolha de observar como se dá a cena dentro das redes sociais, com um foco maior na página do Twitter Acervo do Drive. Discute-se também a relação da cena com a pirataria, acesso à informação, a relação com acadêmicos e o funcionamento dos espaços cibercinefilos como lugares possíveis de formação e acesso ao conhecimento, a relação construídas entre as pessoas e as redes sociais como espaço de elaboração e construção de tais relações, o projeto reflete sobre a ligação entre as comunidades virtuais de compartilhamento de cinema, a cibercinefilia e o modo como estes fenômenos são importantes para a circulação e a difusão da arte cinematográfica dentro e fora das redes.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercinefilia, Ciberespaço, Cinema, Estudos Culturais, Antropologia.

1. INTRODUÇÃO

Neste projeto me proponho a entender e tentar racionalizar a cena virtual nacional do compartilhamento de filmes. O objetivo deste trabalho mais que analisar uma cena digital é tentar compreender como o cinema sendo uma arte que tem em uma de suas características representar afeta a audiência, seja na emoção ou seja na própria visão de mundo. Tento aqui buscar, além de entender o outro, me entender e racionalizar com palavras as emoções que sinto quando assisto um filme que me toca, quando procuro pessoas online para comentar sobre filme e como, ao longo de minha vida, criei algumas relações que tiveram como base essa troca de conhecimento e sensações. Não tenho uma relação impessoal com essa cena e acredito que isso possa ser um diferencial em minha visão sobre ela. Quero discorrer sobre essa relação, a do indivíduo com o cinema e com a discussão sobre cinema, por que a discussão é importante? Isso só ocorre porque algumas pessoas sentem uma importância no ato de discutir sobre e, talvez, a conexão entre as pessoas aconteça através disso. Mesmo fora dos espaços de uma cinefilia mais tradicional, a cultura pop nos dias atuais é moldada por discussões sobre filmes e séries no geral. Podemos observar os chamados filmes-eventos e a forma como eles trazem um tipo de conversa sobre filmes para fora dos ambientes entendidos como ambientes de discussão desse tipo de arte.

Creio interessante começarmos por definir o que é a cibercultura. De acordo com Pierre Lévy a cibercultura é definida como

“o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.”
(LÉVY, 1999 p.14 *apud* SANTOS, 2023 p.11)

Isto é, a maneira como se dá e operam as culturas que se desenvolvem ou surgem dentro do ciberespaço, com as características próprias do espaço virtual, as expressões culturais se dão dentro deste espaço. As

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Carlos Francisco Perez Reyna.

mudanças tecnológicas afetam diretamente o ciberespaço e trazem mudanças para dentro das diferentes ciberculturas, seja a invenção do smartphone, o aumento da velocidade dos planos de internet, o surgimento das redes sociais, todos esses fenômenos afetaram a existência e as relações das ciberculturas por afetar o macro que é o ciberespaço, o espaço onde o fenômeno ocorre. Para compreender o advento da cibercinefilia é necessário que a compreendamos como uma cibercultura, uma cultura que opera dentro do ciberespaço a partir dos diferentes mecanismos de funcionamento de dentro deste espaço.

A cibercinefilia é mais ou menos definida como a forma de cinefilia exercida através do espaço virtual, as discussões sobre os filmes, a forma como se constroem as relações entre os indivíduos que integram e circulam tal cena como ela existe e, como toda cultura, se transforma. Estou aqui falando desde os cineclubes virtuais até os fóruns de discussão, debates e download de filmes.

A cibercinefilia, como o espaço digital como um todo, é uma cultura cambiante (STUART HALL, 1997), aqui aplico cambiante no sentido de que as formas de práticas cibercinefilas mudam de espaço para espaço, de um site para o outro, do fórum para as redes sociais para os aplicativos de chat de voz. As mudanças que ocorrem dentro dos espaços virtuais têm impacto direto na forma e nos espaços em que a cibercinefilia é exercida ou como toma forma. Acredito ser importante entender que as mudanças de espaços virtuais implicam diretamente na forma como os debates e as práticas culturais da cibercinefilia se dão - seja os websites utilizados para o download dos filmes às redes sociais onde as discussões e a disponibilização de arquivos se dão - a dinâmica muda conforme o panorama virtual muda. Podemos pensar até mesmo na tecnologia mobile, nos aplicativos de serviços streaming e em outros players de vídeo para celulares. O telefone passa a ser uma nova tela onde se assiste filmes. Apesar dessa prática ser estranha para muitos, pode-se compreender isso como vantajoso para uma democratização do acesso a filmes e séries, especialmente no Brasil, visto que é economicamente muito mais fácil o acesso a um smartphone do que a um desktop, notebook ou uma televisão com acesso à internet.

As mudanças e as dinâmicas econômicas e sociais tem de ser abraçadas pela cultura, e aqui se tratando da cibercinefilia que tem como uma de suas práticas a pirataria como forma de resistência ao mercado e a falta de acesso a certas obras, é vantajoso para a cena como um todo que os usuários entendam e procurem aprender sobre as novas formas de viabilizar o contato com as discussões e às obras que a eles são tão preciosas. É assim que a cultura, neste caso do cinema, permanece viva, com a participação coletiva, com iniciativas de pessoas que procurem disponibilizar arquivos, traduzir ou fabricar legendas, procurar e disponibilizar novos sites para que se dissemine os arquivos e orientar novos usuários sobre como ter acesso a toda essa gama de maneiras com o fim de que se torne uma parte da(s) comunidade(s).

Acredito ser de suma importância que entendamos o compartilhamento informal de filmes como uma prática considerada natural e ética dentro da cena cibercinefila. Claro, como não estamos tratando de um espaço homogêneo, existem indivíduos que têm críticas quanto à prática, mas estes são uma minoria dentro de todos os outros grupos de pessoas que se interessam por cinema na internet - ou os chamados cibercinefilos. Não busco aqui definir ou encaixar os usuários desta cibercultura em nada exatamente, mas tentar tratar um pouco de alguns dos aspectos gerais que envolvem como ela opera, como os pertencentes a ela se movimentam e como o acesso a obras audiovisuais é parte importante de como as pessoas pertencentes a tal se comportam no ciberespaço, partindo também de minha experiência pessoal. Acredito que entender o espírito por trás da coisa é tão importante quanto entender a coisa em si e é isso que tentarei realizar neste trabalho.

Para que se entenda a visão dos indivíduos e coletivos pertencentes a essa cena sobre a chamada pirataria e todo o julgamento moral existente com relação a ela, especialmente dentro de alguns espaços sociais é importante que se entenda que para a maioria dos que pertencem a cena cibercinefila a prática do compartilhamento de filmes gratuito é, talvez, uma das maiores razões pela qual tais indivíduos se interessaram e se viram inseridos dentro de tal cena. Para esses usuários a pirataria é forma de protesto

(SANTOS, 2023), por diferentes motivos, seja a forma como a indústria cinematográfica opera, a forma desigual da distribuição de filmes, a preservação de obras fora de circulação, o sentido dado a pirataria na forma de compartilhamento de arquivos digitais, que é por muitas vezes político e parte importante da forma como a opera.

2. DESENVOLVIMENTO

Acredito ser possível que compreendamos um pouco mais sobre a guerra da liberdade de informação na internet falando um pouco sobre Aaron Swartz. Por mais que seu caso pouco tenha relação com cinema, acredito ser importante termos um pouco mais de informação sobre uma das vozes que questionavam a chamada propriedade intelectual. Swartz foi definido por Lawrence Liang como “*O Primeiro Mártir do Movimento Pela Informação Livre*” (HOCKENBERRY, 2013 p.4) por ser processado e julgado pela obtenção ilegal através do download coletivo de 4,8 milhões de artigos científicos e literários da plataforma JSTOR, obtidos através da rede do MIT (BANCALEIRO, 2013 apud CUNHA, 2020 p.2). A história pessoal de Swartz é muito interessante para entendermos como esses tipos de *paywall* (barreiras virtuais onde é necessário o pagamento para que se tenha acesso a algo) são inimigos da obtenção do conhecimento, inclusive dentro da academia. A perseguição jurídica ao ativismo de Swartz é um dos fatores que podem ter culminado em sua morte por suicídio em janeiro de 2013. Trago esse caso por, além de ser um bom argumento para afirmar que apesar da internet ser vista como um espaço de ampliação do acesso à informação, ainda existem mecanismos que fazem com que o acesso a tal seja restrito. Seja sobre o acesso a artigos científicos, livros, filmes, séries de TV e até mesmo notícias, a lei da propriedade intelectual pode ser vista como injusta pois ainda funciona como um veto a uma difusão de informação e cultura que seja democrática e horizontal. Em seu manifesto, Swartz escreve::

“There is no justice in following unjust laws. It's time to come into the light and, in the grand tradition of civil disobedience, declare our opposition to this private theft of public culture.” (SWARTZ, 2008)

A ampliação do acesso dada pela pirataria permite o contato com uma variedade maior de obras, gêneros, construções, talvez até mesmo uma melhor ou pelo menos mais variada formação cinematográfica. Aquele que se interessa por cinema não depende mais do que o mercado ou a indústria cultural o apresenta como algo que ele - ou uma pessoa em suas condições - deveria ver. O compartilhamento informal de filmes traz ao horizonte uma autonomia melhor nas pesquisas, permite uma leitura das imagens mais abrangente, permite um maior contato com formas diferentes de cinema, de países fora do eixo que nos é apresentado.

O papel da internet na abertura de um espaço que pode ajudar a disseminar conhecimento gratuito é algo que sem sombra de dúvida deve ser levado em consideração por qualquer um que se propuser a discorrer sobre cibercinefilia.

É possível dizer que nos últimos anos uma maior quantidade de pessoas pode ter acesso a obras artísticas de propriedade intelectual com uma maior facilidade e até mesmo de forma gratuita. O acesso a certos tipos de obras que até então estavam reservados apenas a uma pequena parcela da população brasileira, agora é, em tese, disponível a uma parcela muito maior da população - aqui trato não só do cinema como de outros tipos de arte que são passíveis de uma transposição ao digital. Talvez a forma como a cinefilia funciona no ambiente virtual seja diferente não só por uma questão de espaço mas também pelo tempo.

A criminalização da pirataria surge como forma de impedir a tentativa de desmonte do modo de produção capitalista, no caso da pirataria digital, ela ganha cada vez mais força enquanto movimento social, formando uma grande comunidade de trocas descentralizada dentro do mercado. Um sistema horizontal em que não há hierarquia, pois todos são iguais e possuem a possibilidade de acesso a mesma informação. (SANTOS, 2023, p.27)

Tendo início por volta dos anos noventa do século passado, a cibercinefilia opera por muitos anos em conjunto com a cinefilia clássica, onde a sala de cinema ainda era de suma importância para as discussões, e só vai se tornar algo exclusivamente digital anos depois com a decorrência dos arquivos audiovisuais sendo disponibilizados online e a criação de espaço de compartilhamento dos mesmos. Antes disso, os fóruns e outros websites especializados em cinema e audiovisual serviam apenas para o exercício da discussão e, talvez, da crítica. O debate e as comunidades estavam presentes, mas o acesso ao material ainda estava por vir. Além disso, o acesso aos espaços digitais era excludente tendo em vista que, ao menos no Brasil, o mesmo era possível apenas aos mais abastados ou a aqueles que precisavam de um computador doméstico para trabalhar.

Nos últimos anos, com o acesso ao espaço virtual sendo muito mais universalizado do que antes, a cibercinefilia se transformou, se tornando um fenômeno que pode ocorrer até mesmo sem a presença da sala de cinema. O consumo do cinema através do espaço virtual, seja através da prática da pirataria ou dos diferentes serviços de streaming, mudam a forma como se dá a relação entre indivíduo e obra, e aqui indivíduo é uma palavra chave, visto que antes disso a experiência de assistir filmes era muito mais coletiva do que individual, claro, tendo em conta que antes disso passamos pela época da fita cassete e dos dvds a experiência coletiva do cinema foi se tornando cada vez menos o foco, como podemos ver com filmes sendo lançados direto para streamings, ou direto para dvds, sem nem mesmo terem circulado pelos cinemas.

É possível que se diga que a cibercinefilia não vem como um contraponto à cinefilia clássica, ao contrário, é uma espécie de continuação da mesma, dentro de um outro espaço e operando com mecanismos próprios do espaço virtual.

O cibercinéfilo [...] não difere muito do cinéfilo clássico; ele é uma atualização contemporânea do sujeito que lia as revistas especializadas em cinema, nos anos 40. O que muda, na realidade, é o ambiente de “universalidade total”, para usar um termo de Pierre Lévy (1999). A atitude do cibercinéfilo no ato de consumir cinema é de resistência. (CARREIRO 2003 p.132 *apud* SANTOS, 2023, p.14)

Partimos então a uma reflexão sobre o uso das redes sociais como espaço da promoção - mesmo que não intencional - de tais atividades e mais além na construção de comunidades. A experiência coletiva antes promovida nas salas de cinema e em cineclubes agora é ressignificada na experiência coletiva promovida através dos encontros nos espaços virtuais, sejam nas redes sociais ou em outros tipos de espaços.

“Os usuários passaram a ter cada vez mais o hábito de utilizar as redes sociais para ter acesso a filmes, graças a cultura do compartilhamento. Diferentes redes sociais passaram a ser utilizadas por indivíduos como uma janela alternativa, o que é definido como pirataria pelas próprias políticas dessas redes, mas que é visto como uma alternativa facilitadora entre os usuários

para se ter acesso a filmes sem precisar alugar via internet ou buscar no catálogo de algum streaming.” (SANTOS, 2023, p. 51)

A conexão promovida por esses espaços deve ser levada em conta quando pensamos e estudamos as ciberculturas, o encontro com o *outro* ali acessível é de imensa importância para a experiência dos usuários e, de certa forma, é o que torna toda a operação possível. Sejam as pessoas que disponibilizam arquivos e fazem até mesmo uma espécie de trabalho de curadoria, os que possibilitam as legendas, os que interagem e propagam os filmes, os críticos profissionais e em formação e o público geral das páginas e fóruns, todos eles são engrenagens dentro dessa grande máquina que torna o acesso a cultura mais horizontal, diminuindo um pouco das fronteiras capitalistas pré-existentes. Acredito que podemos traçar um paralelo entre tais.

A diversidade de histórias representadas na tela são palco para a interpretação dos indivíduos e, a partir do momento que nos conectamos com as experiências e conexões dos outros, nos confrontamos com nossas próprias visões e nossas próprias verdades. O que faz o outro gostar ou não de um filme tem grande relação com suas experiências e suas subjetividades e, sendo atravessados por tais, é possível que se tire mais proveito das obras a partir dessa relação. Os espaços virtuais onde se dá a cibercinefilia, muito mais do que espaços que disponibilizam filmes, são lugares onde essas subjetividades são produzidas, abraçadas e confrontadas, onde os indivíduos se sentem pertencentes a algo, onde a troca entre pessoas ocorre sem que seja necessária a presença física - onde o interesse mútuo por cinema e assunto adjacentes são o suficiente para que relações sejam construídas. Essas relações por vezes atravessam o virtual e se tornam físicas, especialmente nos grandes centros urbanos. Amizades são construídas, vínculos são criados, como em todas as outras chamadas subculturas fora do espaço virtual, a apreciação mútua por filmes é parte importante do elo criado entre essas pessoas, é sobre o que elas conversam nas mesas dos bares, é pauta importante dentro de seus ciclos sociais. Integrar parte dessa cena é, como nas outras chamadas subculturas de espaços não virtuais, algo que denota até mesmo algo da formação da identidade, se sentir pertencente dentro de um dos inúmeros grupos dentro da cena confere ao indivíduo um espaço de acolhimento a um aspecto importante do sua referência de si, de parte das multiplicidades que o constituem.

Um bom exemplo de um espaço onde essa interação ocorre, ou tem o potencial para que ocorra é a página do site e rede social X (anteriormente conhecido como Twitter) chamada Acervo do Drive. O nome Acervo do Drive faz uma referência ao Google Drive, ferramenta da Google utilizada para o armazenamento de arquivos. Por meio dessa ferramenta, as pessoas por trás da página armazenam em sua maioria filmes dos mais variados tipos, gêneros e países. Tal maneira de armazenar filmes é uma nova tendência dentro da cena cibercinefila, visto que até então a maioria das páginas e fóruns buscavam utilizar do download via arquivos torrent, tecnologia de protocolo p2p (peer to peer) onde, de grosso modo, o arquivo não está hospedado em um lugar específico, mas em cada computador ou dispositivo que fez o download do mesmo e é transmitido por todos os usuários que o pertencem, possibilitando assim que mais pessoas o acessem.

A página começou como um lugar apenas para a difusão de arquivos e, nos últimos tempos, tem se tornado um espaço além, divulgando mostras e festivais virtuais e presenciais e até mesmo eventos de lançamento de filmes nacionais. É estimulante acompanhar a página, principalmente sabendo que as pessoas que estão por trás são duas jovens mulheres, que fazem quase que o trabalho todo por trás da manutenção do espaço, buscando ou até mesmo traduzindo e sincronizando legendas, escavando a internet atrás de arquivos e organizando o enorme acervo, todo esse trabalho sem nenhum tipo de remuneração.

É possível que se note uma popularização da página juntamente com a popularização do Letterboxd, rede social que funciona como lugar para catalogar filmes e postar impressões. A rede social, inclusive, é usada pelas administradoras do Acervo do Drive como forma de catalogar os filmes que estão disponibilizados através de uma das funções do site, que é a de listar filmes.

A popularização do Letterboxd entre os jovens, inclusive, é um aspecto interessante de se pensar e podemos, inclusive, pensar no Acervo do Drive como um resultado de tal. A cibercinefilia - ou uma

cibercinefilia - nunca esteve tão em alta e o consumo e busca por filmes entre os jovens para que, claro, se tenha um contato com a obra, mas também para que se mostre que assistiu através do site. Conhecer, assistir e mostrar que se assiste a filmes é parte da construção de uma identidade para tais jovens, o conhecimento sobre e o ato de mostrar que assistiu a determinados filmes denota uma certa relevância, dá uma espécie de poder social na hierarquia da cena ao indivíduo em questão. Isso não é necessariamente uma regra e o funcionamento deste fenômeno difere de grupo para grupo, de subcultura para subcultura, de um tipo de cibercinefilo para o outro.

Acredito que aqui reside a discussão da relação contemporânea entre indivíduo e cinema, relação pós-moderna onde a importância do consumo de obras é tão importante socialmente quanto o contato com as mesmas. O sentido de determinadas obras não está somente no contato individual do indivíduo com a obra em si, mas abre um leque de possibilidades e interpretações de o que se interessar ou gostar de tal obra diz sobre o indivíduo e onde ele se encontra na espécie de hierarquia social criada pela(s) cena(s). Como dito anteriormente, tal interpretação é completamente subjetiva e difere de grupo para grupo e de participante para participante. O interesse pela filmografia de Godard pode ser interessante para aqueles grupos que se interessam por um cinema hoje visto como mais clássico, mas pode ser completamente irrelevante e soar até um pouco pedante para, por exemplo, os interessados por filmes de horror contemporâneos. Dito isso, o contato com as obras não perde a importância só por também servir como forma de sinalizar credibilidade dentro de certa parte da comunidade. Apesar dessa dinâmica, a experiência de assistir determinadas obras ainda pode ser transformadora e, dessa maneira, fazer com que a pessoa se sinta pertencente à cena. O assistir só por assistir não seria proveitoso se não existisse um sentido e às vezes até mesmo algo parecido com um estudo por trás da prática e mais do que isso a vontade de se conectar, a mente aberta para passar pela experiência.

Outro aspecto interessante na página Acervo do Drive é a diversidade dentro do catálogo, as administradoras fazem questão de manter uma amplitude de arquivos onde se foge um pouco do cinema hegemônico americano e europeu, com um grande foco em, por exemplo, o cinema do leste asiático. Isso demonstra o trabalho de curadoria das jovens, em propor uma visão extensa sobre as diferentes culturas, os diferentes imaginários e como eles concebem filmes. Acredito ser um dos aspectos mais interessantes da página a forma como propagam obras culturais de lugares fora do eixo americano-europeu e dando a mesma importância a tais, sem distinção e sem os antigos dogmas.

Mais do que a importância para o movimento em si e a exposição da audiência a novos imaginários, acho importante o viés antropológico do ato. Acredito no cinema como porta de entrada para a humanização do Outro, para um primeiro contato com uma cultura diferente da nossa. O fato das administradoras terem a preocupação de expor o público da página a filmes de várias partes do mundo, com culturas diferentes e visões múltiplas é rico na expansão dos sentidos e possibilidades de existência. São contatos com outras sociedades, com outras normas, performances e dogmas, que podem amplificar aqueles que se deixarem levar pela experiência a um novo horizonte de perspectivas de ser. A página oferece essa experiência através de suas postagens, possibilitando um contato com jeitos de pensar histórias e fazer cinema dentro de diferentes sociedades, com diferentes cosmovisões e diferentes grupos sociais dessas mesmas sociedades. Existe uma diversidade de línguas, performances, comportamentos a um clique de distância dentro dos arquivos disponibilizados pelas pessoas por trás da página, o que acredito que diz muito sobre a forma como elas observam a arte do cinema como algo que é diverso e deve ser experienciada nas mais diferentes versões.

A cena da cibercinefilia segue se transformando e seguindo distintos caminhos e o Acervo do Drive abriu espaço para outras páginas que também utilizam o Google Drive como forma de difusão de filmes, páginas essas com outros interesses e outros tipos de curadoria. Percebemos aqui, então, que mesmo dentro de usuários que utilizam as mesmas plataformas, os diferentes interesses cinematográficos fazem

com que apenas um espaço não seja o suficiente e se faz necessário a autonomia de outros usuários que propõem a oferecer algo parecido mas com outro tipo de curadoria.

Usei, por diversas vezes, as palavras catálogo e curadoria para me referir a essas páginas porque em uma rápida análise podemos entender que o objetivo delas não é o de postar a maior quantidade possível de filmes ou a de oferecer com maior rapidez os filmes mais famosos mas o de mostrar e até mesmo educar seu público oferecendo obras as quais consideram relevantes, que as agradam, que acham que deveriam se difundir em meio a tantas opções. Não sei se o termo curadoria realmente se aplica aqui, visto que não existe uma lógica por trás das escolhas dos filmes, essa escolha é de um âmbito muito mais pessoal daqueles que administram as páginas ou até mesmo estético. Não entendo que esses espaços tenham de fato como interesse principal uma educação cinematográfica ou, como disse anteriormente, o oferecimento de uma educação antropológica através dos filmes, isso, a meus olhos, é um belo acidente de percurso. A principal função é a difusão das obras, o compartilhamento delas como maneira de tornar universal o acesso a determinados filmes, fomentando a cena com discussões sobre os mesmos, desde as, por muitos, consideradas mais profundas até as mais rasas. Não acredito que caiba ao espaço acadêmico se implicar em fazer juízos de valor sobre as formas como funcionam os espaços, de certa forma, o trabalho feito por pessoas que pode-se julgar que não tem o rigor necessário ou a formação necessária para realizar o tal é feito por elas também pela falta de outras pessoas para fazê-lo e não é como se o campo não estivesse aberto para que pessoas que entendem que possuem o rigor acadêmico para construir determinados espaços nas redes executem seus projetos, talvez até mesmo com o apoio dos maiores propagadores de cinema e arte online. O espaço se mostra democrático e todos os interessados podem somar com suas ideias e contribuições.

Analisando as postagens do Acervo do Drive no X (popularmente e anteriormente conhecido como Twitter) e principalmente aquelas contas as quais elas seguem, vejo um misto entre críticos de cinema e outras contas que prestam o mesmo serviço. Isso é muito interessante e, ao contrário do que pode-se pensar, a opinião especializada ainda é muito respeitada dentro desses espaços. As pessoas ainda procuram e consomem resenhas, críticas, análises, reportagens nas mais diversas fontes, sejam revistas acadêmicas ou não, a demanda por esses materiais é real para quem pertence a cena, a diferença, talvez, de uma cinefilia mais clássica, é a de que hoje o consumo desses materiais não se dá só através do texto mas existe uma ampla demanda de pessoas que procuram conteúdos sobre cinema dentro do audiovisual. Sejam vídeos-ensaios no Youtube, podcasts, entrevistas, rodas de conversa, os pertencentes a cena buscam diferentes formas de elaborações sobre os filmes e séries que assistem, o que difere é a amplitude de formas como essas elaborações se dão. Existe espaço para a crítica, especializada ou não, espaços para os debates teóricos e também espaços para a especulação, para interpretações pessoais sem nenhuma intenção de se oferecer qualquer tipo de embasamento teórico. A cena é democrática justamente por ter espaço, e demanda, para todos. Cabe aos acadêmicos, ou as pessoas que produzem e falam sobre cinema em geral, abraçar o trabalho feito por todas essas pessoas que, de certa maneira, viabilizam o trabalho que é realizado por eles hoje. A formação oferecida nestes espaços é de suma importância para as pessoas que vão, talvez no futuro, consumir ou até mesmo se interessar por produzir e realizar cinema, elas estão sendo treinadas de diferentes maneiras e descobrindo universos até então desconhecidos, tendo contatos com várias formas de fazer e pensar a arte do cinema de maneira descompromissada e divertida, usando dos filmes para criar comunidades, construir laços e adquirir conhecimentos sobre as mais diversas coisas. O cinema pode se tornar um poderoso canal para a compreensão de si e do outro, para que se aprenda com as diferenças, para uma visão de mundo mais heterogênea. Acredito que o serviço prestado pelo Acervo do Drive é, sem dúvidas, importante não somente para a cena mas para todos nós admiradores do cinema, pois entendo que a partir do exercício de conexão operado por elas é possível construir um debate sobre a educação e o exercício do olhar, seja na ficção, no documentário e até mesmo em nossas vidas fora do espaço virtual.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creio ser importante abraçarmos as contradições e entendo que seja difícil para profissionais da área que seus trabalhos que foram feitos com o investimento de muito tempo, esforço e dinheiro não tenham o retorno monetário esperado, mas acredito que seja importante olhar o outro lado e se permitir gozar a felicidade de que tantas pessoas tenham acesso àquilo que antes provavelmente seria guardado atrás de várias barreiras econômicas e sociais. Sendo brasileiros e entendendo a difícil e desigual realidade de nosso país é por vezes ter de enfrentar a amarga realidade de que o estado falha cumprir seu papel para suprir as necessidades das pessoas - coisa que não é nem a intenção da iniciativa privada e, portanto, medidas são tomadas pelas pessoas com o fim de tornar a realidade um pouco mais tragável. O acesso à cultura e lazer são direitos constitucionais e diferentes barreiras econômicas e sociais continuam travando o alcance das pessoas a determinados lugares. É importante que seja denotada também a desigualdade dentro do espaço virtual e como, por demandas políticas e populares, o enfrentamento a elas é feito a partir de métodos que podem ser vistos por muitos como questionáveis, mas, se não fossem as desigualdades existentes no espaço, esses métodos não teriam sentido em existir.

Estamos em um momento onde passamos por um processo de virtualização como sociedade, nossas vidas e nossas relações têm peso dentro dos espaços virtuais. A forma como nos comunicamos, sentimos, nos formamos, nossas expressões e performances se conectam também virtualmente. É interessante que existam debates e pesquisas acadêmicas onde tais fenômenos sejam levados em consideração justamente pela importância a qual cedemos a estes espaços para que não apenas se repliquem as já existentes desigualdades de nosso cotidiano. Aqui, me dispus a refletir sobre a cena cibercinefila mas ela é apenas uma cultura dentre milhões que existem dentro dessas máquinas que refletem nossas subjetividades. Apesar do processo de virtualização e da existência de algoritmos que as grandes corporações nos infligem, creio que seja significativo nos atermos aos vestígios de humanidade dentro da rede. O trabalho da antropologia é o de analisar as diferentes possibilidades de existência e acredito que o leque de possibilidades só cresce com a existência também sendo virtual. Pode parecer contraditório, mas é uma das interpretações possíveis de nossa realidade.

O contato com as obras cinematográficas feito possível pelos diferentes atores dentro da cena cibercinefila é um trabalho de denotar e preencher de sentidos imagens que até então eram vistas por poucos como algo além de plástico. Os filmes passam a ter sentidos antes não atribuídos a eles, as comunidades de discussões são formadas e as pessoas passam a se interessar por até mesmo produzir os próprios filmes. A engrenagem da visão de cinema mais como arte e menos como indústria continua operando, indo assim de encontro a realidade material a qual nos encontramos. A cena do compartilhamento gratuito de filmes online é um contraponto a essa realidade, tornando possível uma educação do olhar e uma visão diferente dos filmes, não somente como entretenimento mas também como arte, como obras que podem tocar no âmago do ser e causar reflexões e mudanças.

Concluo este trabalho entendendo a dificuldade que é tentar racionalizar o que é subjetivo e achar significados práticos em ações que para um usuário e pertencente a cena eram vistas como normais, cotidianas. Me surpreendo com os debates éticos que há tempo me pareciam não existir e agradeço pela

oportunidade de repensar nossas existências virtuais e o quão importante elas são atualmente para nossa formação enquanto acadêmicos e indivíduos.

REFERÊNCIAS

CARREIRO, Rodrigo. **O gosto dos outros: consumo, cultura pop e internet na crítica de cinema de Pernambuco**. 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife - PE, 2003.

CUNHA, M. B. da. "**Aaron Swartz: bandido ou herói do acesso aberto?**" Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 475–479, 2020. DOI: 10.26512/rici.v13.n2.2020.31711. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/31711>. Acesso em: 23 nov. 2023.

HALL, Stuart. "**A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.**" Educação & realidade, v. 22, n. 2, 1997.

HOCKENBERRY, Benjamin L., "**The Guerilla Open Access Manifesto: Aaron Swartz, open access and the sharing imperative**" (2013). Lavery Library Faculty/Staff Publications. Paper 6. Disponível em: https://fisherpub.sjf.edu/library_pub/6. Acesso em: 23 nov. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MEILL, Angela Maria. "**Cinema na internet: espaços informais de circulação, pirataria e cinefilia.**" Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.

SANTOS, Caio Augusto Meneses. "**Cibercinefilia, cooperação e circulação informal de filmes na internet como meio de acesso e preservação de obras cinematográficas**". São Cristóvão, 2023. Monografia (graduação em Cinema e Audiovisual) – Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2023.

SWARTZ, A. (2008) **Guerilla Open Access Manifesto**. Disponível em: https://archive.org/stream/GuerillaOpenAccessManifesto/Goamjuly2008_djvu.txt. Acesso em: 23 nov. 2023.